

11 de julho de 2013
Correio Braziliense | Opinião | BR



Mais do que médicos, falta gestão ao SUS

Maltratada, a saúde pública no Brasil carece de terapia mais ampla e apropriada do que a ora prescrita. Primeiro, falha-se no diagnóstico: o problema a ser resolvido, se é que o caos pode ser resumido em um ponto, é a má gestão. O sistema nacional é mesmo complexo pelo gigantismo, a universalização do atendimento inegável avanço em relação ao que se vê mundo afora. Portanto, sem baixa autoestima, é preciso sim ouvir a voz das ruas, que reclama com razão, mas o açodamento atrapalha tanto quanto a proteção e a inércia.



O momento deveria ser de profunda revisão do sistema, sobretudo do ponto de vista gerencial, o que não implica adiar providências urgentes, apenas adotá-las sem atropelo. E essa reestruturação há de ser feita com os médicos. A categoria nada acrescentará ao debate se dele participar com visão mais corporativa do que social. Comprovada necessária, por exemplo, a importação de profissionais não pode ser motivo de discórdia. Quanto à exigência de revalidação dos diplomas pelos estrangeiros, trata-se, sem dúvida, de precaução essencial ao aprimoramento pretendido.

Tampouco é ruim, em princípio, a proposta de ampliar em dois anos o curso de medicina, período em que os estudantes cumpririam estágio obrigatório (talvez seja o caso de discutir a imposição) no **Sistema Único de Saúde (SUS)**. Mais estudo, mais experiência, mais proximidade da população, com a devida remuneração, podem ser importante ganho para todos os lados. Contudo, nem as universidades nem os hospitais estão preparados para tanto, como também não foi pensada uma estrutura que comporte a saída indicada.

Outra falha é a forma escolhida pelo governo Dilma para efetivar essas ideias: via medida provisória, instrumento desgastado, cuja debilidade começa pelo próprio nome, que remete ao efêmero. As ruas cobram um basta definitivo ao descaso com que o cidadão vem se deparando no SUS. E a resposta do Executivo revela visão estreita sobre a questão. Não resta dúvida de que falta muito ao sistema, incluindo recursos. E mesmo aí, antes mesmo de pensar em novas fontes ou destinações, urge otimizar o orçamento disponível.

Boa parte dos problemas nos hospitais e postos de saúde da rede pública seriam resolvidos com rigorosa cobrança de eficiência e responsabilidade, de ponta a ponta, do balcão de atendimento à direção geral. Se faltam medicamento, gaze, algodão, álcool, seringa, maca, vaga para internação, enfermeiro, médico etc. etc. etc. e sobram filas, adiamento de consultas e de cirurgias, equipamentos parados por falta de manutenção, insatisfação, enfim, alguém deve explicações não desculpas esfarrapadas. Nem a alegada sobrecarga justifica o caos, pois, se existe, deve ser oficializada e providenciada a solução, sempre responsabilizando-se quem de direito.